

A obra de Walter Benjamin na era do financiamento coletivo¹

Resenha de BENJAMIN, W. **Walter Benjamin está morto**. Organização e tradução: Gustavo Racy. São Paulo: Sobinfluência edições, 2020.

Fernando Araújo Del Lama

Ao longo dos últimos anos, o financiamento coletivo (*crowdfunding*) vem se tornado uma alternativa cada vez mais viável para editoras independentes darem vazão às ideias engavetadas por falta de verba. No âmbito cultural, além do segmento editorial de histórias em quadrinhos e jogos de tabuleiro modernos, esta alternativa é mais difundida no meio literário popular, cujo público leitor – tão necessário ao financiamento de campanhas desse tipo – é alcançado muito mais facilmente; no entanto, algumas tentativas bem-sucedidas de adaptar essa estratégia de publicação ao âmbito acadêmico, evidentemente mais restrito, foram feitas recentemente: destacam-se nesse sentido, por exemplo, a publicação do ensaio crítico em dois volumes de Otto Maria Carpeaux sobre contos russos, levada a cabo pelo editor da Karpfen, Eduardo Zomkowski², além, é claro, da mais recente empreitada financiada com sucesso, arrecadando, através de seus 218 apoiadores, quase o triplo do valor estabelecido como meta para viabilizar o projeto, a saber, a coletânea de fragmentos e ensaios de Walter Benjamin, organizada e traduzida por Gustavo Racy³, um dos editores à frente da Sobinfluência edições, sob o título *Walter Benjamin está morto*⁴, obra esta que será examinada em maiores detalhes a seguir.

¹ O resenhista agradece a Gabriel Philipson, parceiro intelectual de longa data, pelas sugestões e correções feitas a uma versão anterior da presente resenha.

² Os detalhes das campanhas de arrecadação de ambos os projetos podem ser conferidos nas páginas referentes a eles na plataforma Catarse. Disponíveis em: <<https://www.catarse.me/russos-vol-1>> e <<https://www.catarse.me/russos-vol-2>>. Acesso em: 08/01/2021.

³ Gustavo Racy é doutor em Social Sciences pela University of Antwerp. Além disso, possui mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, bem como duplo bacharelado – em Ciências Sociais, também pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e em Filosofia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. As mais diferentes facetas do pensamento benjaminiano o acompanharam ao longo de todo a sua formação enquanto pesquisador, como pode-se constatar a partir de sua produção bibliográfica,

⁴ Os detalhes da campanha de arrecadação do projeto podem ser conferidos na página referente a ele na plataforma Benfeitoria. Disponível em: <<https://benfeitoria.com/walterbenjaminestamorto>>. Acesso em: 08/01/2021.

Doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob processo nº 2017/05560-5. Brasileiro, residente em São Paulo – SP. E-mail: dellama.f@gmail.com.

Na verdade, não é surpreendente que uma obra de Walter Benjamin seja uma das pioneiras no desbravamento dessa nova tendência, sobretudo se considerarmos o entusiasmo do crítico para com a apropriação coletiva das inovações técnicas e tecnológicas em função da democratização do acesso a seus conteúdos, o que constitui um dos elementos distintivos de sua obra. Contudo, será que o livro em questão faz jus a tais expectativas? Eis a questão que balizará a minha argumentação.

O livro é, sem dúvida, muito bonito, com um projeto gráfico chamativo e arrojado. No entanto, o esmero dedicado ao projeto gráfico, infelizmente, parece não se estender ao conteúdo do livro propriamente dito: após folheá-lo, alguns problemas são perceptíveis, dentre os quais eu gostaria de destacar (i) a curadoria (ou a ausência dela) e (ii) a tradução dos textos.

Quanto ao primeiro ponto, o principal desconforto reside na seleção de textos bastante desconexos entre si para compor o livro. Há uma “Apresentação” do Prof. Stéphane Symons, seguida de cinco blocos temáticos – “Teoria do conhecimento”, “História”, “Crítica”, “Arte” e “Política” – com textos traduzidos de Benjamin, uma carta de Hannah Arendt a Gershom Scholem, transcrições das falas proferidas no evento virtual “O legado antifascista de Walter Benjamin”, bem como uma nota do organizador do volume, na qual ele busca localizar o livro no interior da recepção da obra benjaminiana no Brasil, e, finalmente, uma nota de agradecimento aos apoiadores do financiamento coletivo.

A desarmonia entre o título da coletânea e os textos nela apresentados chama a atenção logo de início: a expressão “Walter Benjamin está morto” não é explorada, questionada ou posta em xeque em nenhum dos textos que integram o volume; a discussão sobre a atualidade, sobrevivência ou persistência das ideias de Benjamin apesar de sua morte, a qual se esperaria encontrar a partir do que o título do livro sugere, somente é aludida na transcrição das falas de Michael Löwy, Gustavo Racy e Marcela Somensari Campana sobre o legado antifascista de Benjamin. A antologia dos textos traduzidos, o núcleo do volume, não se enquadra em nenhum eixo temático mais específico; em vez disso, ela aposta deliberadamente na indeterminação temática. Segundo a nota do organizador,

[a] intenção de “Walter Benjamin está Morto” é, antes de tudo, colaborar com essa expansão [do foco de interesse da obra benjaminiana], provendo os
Doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob processo nº 2017/05560-5. Brasileiro, residente em São Paulo – SP. E-mail: dellama.f@gmail.com.

leitores com fragmentos, marginalia e comentários do próprio Benjamin sobre suas ideias. É preciso assumir que este talvez não seja um livro fácil. Não vemos, nele, qualquer tipo de linearidade ou continuidade. Isto, por si só, talvez represente uma escolha feliz da editora, na medida em que fez dessa coletânea uma espécie de montagem, uma collage de tópicos selecionados para contribuir aos textos que, entre nós, são, já, canônicos (BENJAMIN, 2020, 186).

O professor Symons (2020, 12), na apresentação ao volume, até procura identificar um fio condutor para organizar os textos que o compõem ao propor “[a] reconstrução da filosofia da história de Benjamin” como “um dos fios conceituais que correm através do presente volume”. No entanto, tal perspectiva interpretativa, calcada na constelação formada pelo ensaio sobre Bachofen, pela filosofia como procedimento crítico capaz de desvelar o potencial revolucionário das obras de arte, pela teoria benjaminiana da distração e as comparações entre o Vagabundo, de Chaplin, e Hitler desenhada pelo autor, apesar de bastante interessante e promissora, não reflete a disposição dos textos apresentada no livro; além disso, a seção sobre “História” não recebe qualquer destaque diante das demais, o que enfraquece essa linha argumentativa.

Essa ausência de um eixo temático para orientar os textos que integram o livro, aliás, o coloca numa posição um pouco confusa em meio à recepção da obra de Benjamin no Brasil. Ora, se nos voltarmos para a tradição das antologias de textos benjaminianos de menor fôlego publicados no Brasil, notaremos que grande parte delas é orientada segundo um eixo temático bem delineado: por exemplo, os ensaios sobre literatura e história da cultura (ver BENJAMIN, 2012), os escritos sobre mito e linguagem (ver BENJAMIN, 2011), as reflexões sobre o universo infantil (ver BENJAMIN, 2002), os textos sobre romantismo e crítica da civilização (ver BENJAMIN, 2013), os escritos sobre história (ver BENJAMIN, 2012a), dentre outras, assim como os respectivos materiais suplementares nelas inclusos – prefácios, posfácios, introduções, apresentações, notas, etc. A seleção dos textos segundo um tema dá coesão à edição, bem como delimita um campo de interesse diante da pluralidade da obra benjaminiana – afinal, é bastante difícil para um só estudioso, sobretudo diante da especialização cada vez mais exigida na academia, se aprofundar nos mais distintos aspectos de uma obra. Todavia, não é assim que se passa em *Walter Benjamin está morto*: a proposta do livro de fornecer um suplemento aos textos

Doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob processo nº 2017/05560-5. Brasileiro, residente em São Paulo – SP. E-mail: dellama.f@gmail.com.

canônicos perde força em meio à falta de um escopo temático para nortear o material apresentado, de modo que fica difícil visualizar de modo claro o elo entre os textos, que justificaria o privilégio de cada um deles em detrimento de outras opções possíveis. Assim, a pluralidade de temas e a demasiada liberdade atribuída ao leitor para se aventurar entre eles se relacionam perigosamente.

Quanto ao segundo ponto, sobre as traduções, é preciso apontar de partida, alguns deslizes graves do organizador. O resumo do projeto o definiu, em sua página na plataforma de mobilização de recursos utilizada, como uma “[c]ampanha para a publicação de 16 ensaios de Walter Benjamin, traduzidos para o português pela primeira vez”. Ora, na verdade, muitos dos textos traduzidos são meros fragmentos, esboços esquemáticos e anotações preparatórias, sem o encadeamento de ideias minimamente coeso que se espera de um “ensaio”; o primeiro fragmento, “Percepção é leitura”, por exemplo, exprime paradigmaticamente esse inacabamento, esse caráter fragmentário e provisório das reflexões, que dá a tônica da maioria dos textos traduzidos. Contudo, essa confusão terminológica – que é, inclusive, corrigida em referências posteriores⁵ – não é o principal dos problemas, mas sim o suposto ineditismo das traduções para o português. A partir de uma rápida pesquisa, é possível identificar que pelos menos sete dos textos selecionados já haviam sido publicados no Brasil anteriormente: todos os textos que compõem a seção sobre “História”, ou seja, o fragmento sobre os “Tipos de história”, o ensaio “Johann Jakob Bachofen” e os apontamentos e textos preparatórios para as teses “Sobre o conceito de história”, intitulos na esteira da edição em língua inglesa como “Paralipomênos a ‘Sobre o Conceito de História’”⁶ já haviam aparecido integralmente, em tradução primorosa de João Barrento a partir dos textos originais, no volume *O anjo da história*, publicado em Portugal, em 2010, pela Assírio & Alvim, e no Brasil, em 2012, pela Autêntica Editora⁷.

⁵ Na descrição detalhada do projeto, bem como no próprio texto final do livro, não há referência aos textos traduzidos como “ensaios”, mas tão somente como “textos” ou outro substantivo mais amplo.

⁶ Cabe observar que a expressão “paralipomênos” não foi cunhada por Benjamin para designar esse conjunto de fragmentos; ela foi empregada pelos organizadores da edição *Gesammelte Schriften*, Rolf Tiedemann e Herman Schweppenhäuser, nos “Comentários” (*Anmerkungen*) às Teses para se referir apenas a uma parte dos fragmentos coligidos, que são complementados por reflexões preparatórias, as quais são unificadas pelo título comum “Novas teses”, e fragmentos mais dispersos e livres, com ou sem título – ver BENJAMIN, 1974, 1228-9; 2012a, 174-5.

⁷ Ver os capítulos “Fragmentos (filosofia da História e política)”, “Johann Jakob Bachofen” e “Comentários – Sobre o conceito da História” em BENJAMIN, 2012a, 29-30, 91 ss, 175 ss.

Doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob processo nº 2017/05560-5. Brasileiro, residente em São Paulo – SP. E-mail: dellama.f@gmail.com.

Os fragmentos “Percepção é leitura” e “Sobre a percepção”, que integram a seção sobre teoria do conhecimento, por sua vez, apareceram mais recentemente em um dossiê da *Revista Artefilosofia* dedicado a Vilém Flusser e Walter Benjamin, traduzidos e apresentados por Anna Luiza Coli (ver BENJAMIN, 2019, p. 14 ss)⁸. Além desses, os fragmentos “A primeira forma de crítica que se recusa a julgar” e “Falsa crítica”, do mesmo modo, já haviam sido traduzidos e publicados em 2018, em tradução de João Barrento, pela Autêntica Editora (BENJAMIN, 2018, pp. 118-9, 124-8).

Feito esse esclarecimento, passemos aos comentários sobre algumas das soluções mais específicas encontradas pelo tradutor. De modo geral, as traduções são consistentes, exceto por um ou outro deslize, alguns dos quais eu gostaria de examinar de maneira mais detalhada nas próximas linhas.

Um incômodo que me acometeu durante a leitura foi o excesso, em determinados momentos, de interpretação do texto. Um procedimento que os tradutores de textos filosóficos costumam evitar é *super-interpretar* o texto a ser traduzido, isto é, contaminar a tradução de forma flagrante com suas próprias preconcepções, já que isso pode distorcer o sentido proposto pelo autor e, por conseguinte, o entendimento do leitor. E esse procedimento – ou melhor, essa postura – determina diversas opções de tradução tomadas ao longo do livro. Algo nesse sentido ocorre, por exemplo, na tradução de *Erscheinendes* por “superfície” no fragmento “Percepção é leitura”. No contexto da frase completa – “*Lesbar ist nur der Fläche [E]rscheinendes*” –, a partícula em questão carrega consigo um teor de indeterminação, que abranda o sentido rígido de “superfície”, “plano” (*Fläche*). Assim, a tradução da frase completa, seguindo a trilha da solução encontrada por Anna Luiza Coli⁹, ficaria algo como “Legível apenas no plano do que aparece/na superfície daquilo que aparece”; ao traduzi-la como “Somente a superfície é legível”, os sentidos de “*Fläche*” e “*Erscheinendes*” são equivocadamente aglutinados. Na nota 4, o tradutor

⁸ Há, ainda, outra tradução desses mesmos fragmentos feita por João Barrento; no entanto, o fragmento “Sobre a percepção” foi apenas parcialmente traduzido – ver BENJAMIN, 2018, pp. 29, 31.

⁹ “Legível apenas no plano do que aparece” foi a solução encontrada pela tradutora, em BENJAMIN, 2019, 14. Em sua tradução, João Barrento emprega o verbo “manifestar” em vez de “aparecer”: “Legível é apenas o que se manifesta na superfície” (BENJAMIN, 2018, p. 29). No entanto, soa mais adequada a utilização de “aparecer” pela presença do radical “aparência” (*Schein*), além de que o termo “manifestar” carrega um ar técnico, o qual não parece ser a intenção de Benjamin no contexto geral do fragmento.

Doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob processo nº 2017/05560-5. Brasileiro, residente em São Paulo – SP. E-mail: dellama.f@gmail.com.

justifica sua opção com base no caráter táctil do pensamento benjaminiano (ver BENJAMIN, 2020, 20). No entanto, como se sabe, essa característica só assumirá protagonismo em meio ao arranjo conceitual de Benjamin numa etapa posterior de seu itinerário intelectual, especialmente na década de 1930; portanto, além da carga interpretativa bastante acentuada, soa um tanto anacrônico atribuir tal característica a um fragmento textual datado do fim da década de 1910.

Outro problema é a demasiada adulação, em alguns momentos, da edição em língua inglesa, *Selected Writings*, em vez de tomar a edição original alemã como referência. A seleção dos textos que compõem os ditos “Paralipomênos”, por exemplo, reproduz basicamente a mesma seleção da edição anglófona, exceto pela inclusão de quatro manuscritos que não constam nessa última, sob os códigos Ms 472, Ms 467, Ms 469 e Ms 466r (ver BENJAMIN, 1974, 1235-7)¹⁰. Além disso, algumas opções de tradução em meio a esses textos são passíveis de questionamento: é o caso, por exemplo, na “Nova Tese K”, da escolha de “cal” para traduzir o vocábulo latino “*limes*”, que significa limite e é empregado no contexto geográfico do império romano. Ora, apesar de o sentido do termo escolhido captar o sentido da expressão original, seu tom demasiado informal não condiz com o do original – Benjamin não emprega uma palavra correlata ao termo latino em alemão, mas o próprio termo latino em si, o qual é mantido tanto na tradução inglesa quanto na tradução de João Barrento¹¹. Outra solução discutível é a escolha de “resgate” para traduzir “*Rettung*”, sendo que o termo estabelecido por convenção é “salvação” – como quando Benjamin fala em “salvação dos fenômenos nas ideias” no “Prólogo” à sua *Habilitationsschrift* sobre o teatro alemão¹². É certo que, nesses e em casos similares, notas de rodapé explicativas já seriam suficientes para justificar a posição do tradutor, já que são questões que admitem múltiplas soluções corretas¹³. No entanto, a tradução de “*Dialektik im*

¹⁰ Todos os demais manuscritos cortados na edição *Selected Writings* também não constam, sem qualquer justificativa, no livro aqui resenhado. Eles podem ser conferidos sob os códigos Ms 1095, Ms 1096, Ms 1105, Ms 475, Ms 441, Ms 445, Ms 446, Ms 449, Ms 473, Ms 474, Ms 477, Ms 480, Ms 481, Ms 482, Ms 486, Ms 488 e Ms 1063, em BENJAMIN, 1974, 1229-30, 1232-3, 1238-40, 1241-45, 1246.

¹¹ “Redemption is the *limes* of progress”, (em BENJAMIN, 2003, 404), e “A redenção é o *limes* do progresso”, (em BENJAMIN, 2012a, 180).

¹² No livro aqui resenhado, a passagem em questão encontra-se em BENJAMIN, 2020, 85. Para uma discussão acerca da abrangência semântica do termo *Rettung*, recomenda-se a análise feita em RICHTER, 2010, 27 ss, ou o detalhado verbete dedicado ao conceito em foco, em KAULEN, 2000.

¹³ Por exemplo, na tradução de *Zusammenhang* por “contexto”, em BENJAMIN, 2020, 20. Ora, como Anna Luiza Coli observa em nota à sua tradução, contexto é uma opção válida. No entanto, o termo é

Doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob processo nº 2017/05560-5. Brasileiro, residente em São Paulo – SP. E-mail: dellama.f@gmail.com.

Stillstande” por “Dialética na Imanência” está incorreta, pois distorce o sentido da expressão original (ver BENJAMIN, 2020, 76). A expressão *im Stillstand* – isto é, em repouso, na imobilidade, em suspensão – representa uma interrupção no fluxo do movimento dialético. No momento em que o movimento dialético cessa, revela-se o “agora da cognoscibilidade” e, nele, permite-se o ensejo das “imagens dialéticas” como instrumentos de análise das constelações entre o ocorrido e o agora a partir dos fenômenos e materiais investigados¹⁴. Ora, o conceito de “imanência” não contém essa ideia de suspensão de um movimento, mas possui uma conotação bastante carregada no contexto filosófico, a saber, a *Immanenz* que se opõe à *Transzendenz* nos sistemas metafísicos¹⁵.

Evidentemente, esse espaço não nos permite esgotar os deslizes de tradução, mas apenas destacar os mais evidentes e paradigmáticos dentre eles para o conhecimento do leitor. Para encaminhar essa análise à sua conclusão, eu gostaria de retomar a questão colocada no início deste texto, sobre o atendimento das expectativas que naturalmente acompanham uma publicação que lide com um autor como Benjamin. Minha apreciação da obra é ambivalente: se, por um lado, ela talvez não seja suficiente para contribuir com a pesquisa filosófica universitária de ponta, ela pode, por outro, ter seu valor para o público em geral, se este tiver em vista os deslizes e problemas aqui apontados. De fato, tenho minhas reservas a respeito da recomendação da obra aos colegas pesquisadores – além dos problemas já elencados, elementos básicos para facilitar o trabalho de pesquisa estão ausentes, tais como, por exemplo, as referências à paginação da edição *Gesammelte Schriften* em geral, e da *Werk und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe* para os apontamentos às *Teses*¹⁶; contudo, a um público diletante, que já leu um ou outro ensaio de

o mesmo que Benjamin emprega em seu estudo sobre o romantismo alemão – da mesma época, vale mencionar –, o qual Márcio Seligmann-Silva traduzira por “conexão”, “infinitude de conexões”, em sentido correlato ao utilizado no fragmento – ver BENJAMIN, 2019, 14, nota 12.

¹⁴ Para um exame mais detalhado das relações entre os conceitos de “dialética em repouso”, “agora da cognoscibilidade” e “imagem dialética” no interior da filosofia benjaminiana da história, ver TIEDEMANN, 2018, 36 ss.

¹⁵ Nota-se, aqui, certa falta de familiaridade do tradutor com os jargões filosóficos e com suas traduções – o que não deixa de ser surpreendente, na medida em que ele possui vasta experiência nos estudos filosóficos. É preciso ter em conta tais jargões e suas respectivas traduções quando se pretende traduzir textos filosóficos, de modo a evitar erros conceituais e, eventualmente, confundir o leitor.

¹⁶ De todos os textos traduzidos, apenas os apontamentos suplementares às *Teses* já foram contemplados pela edição crítica, em BENJAMIN, 2010.

Doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob processo nº 2017/05560-5. Brasileiro, residente em São Paulo – SP. E-mail: dellama.f@gmail.com.

Benjamin, a obra em questão pode ter serventia, seja para a ampliação do interesse pelos temas benjaminianos, à qual o material suplementar pode cumprir o papel de guia propedêutico, seja para a popularização da filosofia por meio do pensamento de Benjamin.

Ademais, como já observara Seligmann-Silva, “Walter Benjamin é um clássico”. No entanto, tal posição de prestígio não contém só louros, mas carrega consigo desvantagens também: “[e]le é muito ‘comprado’, muito citado, mas pouco ‘estudado’. Ler Benjamin não é de modo algum uma tarefa fácil” (SELIGMANN-SILVA, 2020, 13). Em algum sentido, esse diagnóstico esboçado há mais de duas décadas permanece, ainda, bastante atual: sobretudo por conta da entrada em domínio público da obra benjaminiana em 2010, facilitou-se o trato burocrático para a produção de traduções e, com isso, houve um impulsionamento do interesse por ela no contexto brasileiro. Daí que seja necessário tomar a obra benjaminiana séria e cuidadosamente, pois mesmo o público dileitante tem direito de acessá-la em uma versão digna das intenções de seu autor. Em outras palavras, o conhecimento técnico em filosofia se faz indispensável aqui para uma justa apuração do texto, além de mostrar que a formação filosófica não deve ser fechada em si mesma. Em uma entrevista de 2015, Jeanne Marie Gagnebin discute como deveriam ser as traduções de Benjamin: “[d]evemos cuidar”, diz ela,

para não cair nem no extremo do valor mercadológico de obras conhecidas [...] nem no outro extremo: a erudição pela erudição. É imprescindível tentar sempre fazer traduções anotadas que indicam o contexto político e histórico dos textos. Em suma: tentar não transformar Benjamin em mais um fetiche cultural, mas cuidar do aspecto questionador, inquieto, sim, subversivo do seu pensamento. Todo seu pensamento lutou contra essa fetichização da cultura e da escrita (GAGNEBIN, 2015).

Certamente, o livro aqui resenhado passa ao largo do primeiro grupo, mas, ao se estabelecer em torno de um conjunto de fragmentos absolutamente secundários e desconhecidos até mesmo do público especializado, pode-se dizer que ele flerta com o segundo grupo. Assim, de modo a buscar por essa “justa medida” na seleção dos textos e acrescentar as anotações a propósito do contexto político e histórico, eis que a “inutilidade” do conhecimento técnico em filosofia surpreende seus detratores: a fagulha subversiva da obra de Benjamin, que impele à transformação da realidade e

Doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob processo nº 2017/05560-5. Brasileiro, residente em São Paulo – SP. E-mail: dellama.f@gmail.com.

permite o vislumbre de um mundo mais justo, bem como neutraliza as tentativas da redução dela a mero fetiche cultural, depende da mediação da formação universitária sólida em filosofia para a preservação desse potencial através da transmissão adequada dos anseios presentes no texto original.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Gesammelte Schriften I-3**. Hrsg. von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1974.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução, apresentação e notas: Marcus Vinicius Mazzari; posfácio: Flávio Di Giorgio. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

_____. Parlipomena to On the Concept of History. In: _____. **Selected Writings, vol. 4 (1938-1940)**. Edited by Howard Eiland and Michael W. Jennings. Cambridge, MA; London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2003.

_____. **Werke und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe – Band 19: Über den Begriff der Geschichte**. Herausgegeben von Gérard Raulet. Berlin: Suhrkamp, 2010.

_____. **Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)**. Organização, apresentação e notas: Jeanne Marie Gagnebin; tradução: Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011.

_____. **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Tradução: Sergio Paulo Rouanet; revisão técnica: Marcio Seligmann-Silva. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. **O anjo da história**. Organização e tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012a.

_____. **O capitalismo como religião**. Organização: Michael Löwy; tradução: Nélcio Schneider e Renato Ribeiro Pompeu. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Linguagem, tradução, literatura** (filosofia, teoria e crítica). Tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

_____. Para uma filosofia da linguagem e crítica do conhecimento. Tradução e apresentação: Anna Luiza Coli. **Artefilosofia**, Ouro Preto, nº 26, pp. 3-40, julho de

Doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob processo nº 2017/05560-5. Brasileiro, residente em São Paulo – SP. E-mail: dellama.f@gmail.com.

2019. Disponível em:

<<https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/raf/article/view/3928>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

_____. **Walter Benjamin está morto**. Organização e tradução: Gustavo Racy. São Paulo: Sobinfluência, 2020.

GAGNEBIN, J. M. Walter Benjamin não pode ser mais um fetiche cultural.

Suplemento Pernambuco. Entrevista publicada em 26/01/2015. Disponível em:

<<https://suplementopernambuco.com.br/entrevistas/1343-walter-benjamin-nao-pode-ser-mais-um-fetiche-cultural.html>>. Acesso em: 03 abr. 2021.

KAULEN, H. Rettung. In: OPITZ, M; WIZISLA, E (Hrsg.). **Benjamins Begriffe**. 2 Bd. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000.

RICHTER, G. Pode algo ser salvo ao ser defendido? Benjamin com Adorno. **Remate de Males**, Campinas, v. 30, n. 1, jan./jun., pp. 25-44, 2010. Disponível em:

<<https://doi.org/10.20396/remate.v30i1.8636262>>. Acesso em: 03 abr. 2021.

SELIGMANN-SILVA, M. **Ler o livro do mundo: Walter Benjamin – romantismo e crítica poética**. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2020.

SYMONS, S. Apresentação. In: BENJAMIN, W. **Walter Benjamin está morto**.

Organização e tradução: Gustavo Racy. São Paulo: Sobinfluência, 2020.

TIEDEMANN, R. Introdução à Edição Alemã (1982). In: BENJAMIN, W. **Passagens**.

Tradução do alemão: Irene Aron; tradução do francês: Cleonice Paes Barreto

Mourão; revisão técnica: Patrícia de Freitas Camargo. Belo Horizonte: UFMG, 2018.